



RESENHA ÉTICA E MORAL NA EDUCAÇÃO

JUSSELMA FERREIRA MAIA

*Professora no Curso de Educação Física/UNIP
Mestre em Educação/UNICID*

AMORIM-NETO, Roque do Carmo; BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte May. *Ética e moral na educação*. 2.ed. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2012.

A obra "Ética e Moral na Educação" resulta de uma pesquisa no Mestrado em Educação, destinado para quem é da área de educação e para quem se interessa pela pesquisa em ciências humanas e sociais. Os autores trazem considerações sobre a inserção da ética e da moral na formação pedagógica e sobre a compreensão ampla e necessária do significado de limite como uma das perspectivas dessa formação. Mostra a ética como um tema atual, por isso, insere-se no processo educacional de desenvolvimento do ser humano, que passa, fundamentalmente, pela formação de consciências cidadãs, mas não se pode falar em ética sem considerar os princípios morais. Enfatiza na prática educativa, como em todos os níveis e áreas de formação humana e profissional, a inerência entre o conhecimento e os valores e os elos da moral e da ética que os aproximam. Mostra que a pedagogia incorpora temas que auxiliam a aprofundar a relação entre saberes e condutas. Essa é, sem dúvida, uma resposta dos estudos pedagógicos aos apelos da sociedade mundial.

Os autores enfatizam que a formação moral e ética é uma das contribuições essenciais da educação aos apelos dos tempos contemporâneos e promovem condição para uma vida pessoal e social da melhor qualidade, tornando-se, também, parte da educação para a consciência do limite. A ética unida à estética do

pensamento serve como base para a formação dos futuros cidadãos.

Destaca-se a contribuição de Kohlberg extraída da obra de Amorim-Neto e Berkenbrock-Rosito (2012), no que se refere à aprendizagem da moral, em Lawrence Kohlberg. Esse autor iniciou seus estudos sobre o desenvolvimento moral em 1955 e no seu trabalho de pesquisa desenvolve a teoria do desenvolvimento moral, que mantém uma relação com as teorias de Jean Piaget, de quem Kohlberg foi aluno. Ele percebe um paralelismo entre os estágios do desenvolvimento intelectual e do moral (BIAGGIO, 2003, p.62). A teoria fala de seis estágios do desenvolvimento moral, agrupados em três níveis: o pré-convencional, o convencional, pós-convencional.

No Primeiro nível: pré-convencional, o sujeito ainda não chegou a entender e a assumir as regras da sociedade. Nesse grupo se encontram as crianças com menos de 9 anos. Nesse nível encontram-se outros dois estágios: moralidade heterônoma: que são os juízos baseados na obediência, evitar a punição. Hedonismo instrumental relativista: que são os juízos baseados na recompensa, satisfação

O Segundo Nível: convencional, está a maioria dos adolescentes e adultos. Estes são caracterizados pela conformidade com as regras e expectativas da sociedade. Os estágios desse nível são: juízos baseados



no raciocínio do bom garoto e da aprovação social; orientações à lei e à ordem constituída – o sujeito se assume como parte de uma sociedade, os juízos morais tendem a considerar as instituições sociais e até mesmo religiosas.

No Pós-convencional está a minoria dos adultos, pois poucos conseguem alcançar esse nível de raciocínio moral. Nesse nível, o foco está nos princípios morais, os quais podem ou não estar de acordo com a lei. O sujeito, nesse nível, é capaz de contrariar regras de uma sociedade para ser coerente com princípios nos quais acredita. Para ele, valores como justiça, respeito à liberdade e à vida, estão acima de regras e convenções. Os estágios desse nível são: moralidade dos direitos humanos e do bem-estar social, que são os juízos baseados na orientação para o contrato social e a garantia dos direitos humanos fundamentais; moralidade de princípios éticos universais que define como ponto de chegada do desenvolvimento moral. A noção de justiça é apenas uma parte do respeito, mas inclui a ideia da benevolência, que tem a intenção de promover o bem e evitar lesar o outro.

Os seis estágios apresentam a possibilidade que o ser humano tem de se apresentar diante do mundo, tanto a partir das consequências hedonísticas (punição, recompensa) quanto pelo desejo de atender às expectativas dos grupos sociais aos quais pertence, ou ainda pelo esforço de pautar sua conduta a partir de princípios éticos universais (KOHLEBERG, 1992).

Ainda sobre as ideias de Kohlberg, o autor percebe a escola como um ambiente privilegiado para o desenvolvimento moral das crianças e jovens. Para que esse processo seja favorecido, ele e seus alunos identificam uma série de processos por

ele denominado de “currículo oculto”, que fariam da escola um lugar democrático, uma comunidade justa. É ele que possibilita afirmar cientificamente que educação também tem a ver com empatia, justiça e cuidado pelo outro. Compreendendo que a finalidade da educação é o desenvolvimento do educando, juntamente com seus discípulos, passou a elaborar estratégias que facilitassem o desenvolvimento moral, pois a passagem de um estágio a outro não é automática, antes necessita de intervenção educativa.

Em consonância com Kohlberg, discípulo de Piaget, salienta a internalização é a aprendizagem de um valor, atitude ou norma que se dá pela opção do indivíduo, com base em suas reflexões e em concordância com suas ideias, sem que haja uma obrigatoriedade na apresentação desse comportamento.

É necessário o cuidado com o discurso da educação voltada para a autonomia e emancipação dos sujeitos, pois podemos reforçar a ideia de que o sujeito é dono de si, de sua vontade, e é capaz de discernir sobre o que lhe é apresentado no mundo moderno, capitalista, globalizado e perverso, que chega à desumanização em contraponto com a Educação Estética, que visa humanizar o sujeito.

Os autores relacionam Kohlberg e Freire, no que diz respeito a apenas um ambiente que, na perspectiva de Freire, ofereça condições de tomar decisões e fazer escolhas, pois é nesse movimento que ocorre o desenvolvimento da autonomia, emancipação e autoria dos sujeitos, um amadurecimento estético, ético e moral. Portanto, o papel do professor é oferecer oportunidades de desenvolvimento, quer seja pela salvaguarda dos princípios



estéticos, éticos e morais de democracia, justiça, respeito, quer seja pelo modo como vivência de tais princípios em sala de aula; e, ainda, por estimular seus alunos a se colocarem no lugar um dos outros e se apresentarem mais maduros no seu raciocínio moral.

O livro traz a reflexão sobre os processos formativos na atualidade e pressupõe como um sujeito inserido no contexto de um mundo globalizado, instável, descontínuo, por meio da mídia, influencia o modo de se relacionar consigo, com o outro e com o mundo. Na contemporaneidade, o sujeito homem-anúncio, escravo do mundo de aparência, vive sob o olhar do outro e deixou de ser e de agir conforme seu pensamento, paga para anunciar, para vender o produto do outro. Assim, esse indivíduo vive à mercê do capitalismo e de uma indústria cultural que nega as individualidades ou simplesmente impede que estas sejam valorizadas ou reconhecidas

pelo grupo social, ou ainda que as ignora simplesmente para ser reconhecido e pertencer a este grupo.

Por isso, o professor deve ter em mente o seu papel e qual a sua relação no ensino dos valores. A ética, em todas as instituições e na escola, é aprendida nas situações cotidianas. Alunos e professores percebem como somos e como reagimos diante das diferenças de opiniões, situações adversas, conflitos de valores. O que expressamos a cada momento, como pessoas, é tão importante o que somos no procedimento do conteúdo que o professor expõe para o aluno.

Assim, a educação ética e moral é fundamental, pois a escola deve ser um lugar de cooperação, de inclusão de aumento de consciência e é ali que podemos experimentar situações novas de mudança, de aprendizagens, novas formas de colaboração.